

## Pregas ocultas, rugas escondidas: os *Três momentos em Paris* de Mina Loy

*Can't you write about me as a hidden wrinkle—the only woman who has been decided enough to forego easy success—etc etc—...*

Loy em carta para Carl Van Vechten, 1915.

*Marcela Lanius*

**Resumo:** Tradução do poema “Three Moments in Paris” de Mina Loy, ainda inédito em português do Brasil, seguido de um comentário sobre o texto e sobre a tradução.

**Palavras-chave:** Mina Loy; “Três Momentos em Paris”; tradução comentada.

**Abstract:** A translation of Mina Loy’s “Thee Moments in Paris”, which has not yet been translated into Brazilian Portuguese, followed by a brief note on the text and its translation.

**Keywords:** Mina Loy; “Three Moments in Paris”; annotated translation.

A vida de Mina Loy está posicionada dentro de um intervalo de oito décadas que impactaram profundamente as artes visuais, a literatura, a poesia, o teatro, o design, a moda e a vida das mulheres no Ocidente – sobretudo na Europa e na América do Norte. No entanto, ainda que sua carreira artística tenha sido influen-

ciada e perpassada por todos esses elementos, ainda hoje pouco se discute sobre a contribuição de Loy para essas áreas.

Há ao menos dois motivos para isso: em primeiro lugar o fato de que, como Roger Conover destaca em sua introdução ao *The Lost Lunar Baedeker* (1996), Loy costuma ser lembrada por epítetos que demarcam sua vida privada e não por seu trabalho artístico; por seu envolvimento romântico com nomes proeminentes do futurismo italiano, e não por seus escritos. Do mesmo modo, ela costuma ser mencionada como mais uma personalidade excêntrica na cena parisiense dos expatriados de língua inglesa, mas não como alguém que contribuiu para o momento de experimentação e criação artística ali desenvolvido. Além disso, há também a complexidade de sua linguagem, que mistura palavras arcaicas com pontuações inventadas, sintaxe agramatical com temas explicitamente sexuais – e, por isso mesmo, tidos à época como escandalosos demais para a forma poética.

Lá em 1915, um ano antes de desembarcar em Nova York pela primeira vez e descobrir que seu nome já era visto como sinônimo de prosa e poesia com teor sexual (Burke, 1987, p. 6), Loy fizera um pedido em uma carta para o amigo Carl Van Vechten: não teria ele talvez interesse em escrever sobre ela como uma “wrinkle”? A palavra pode ser traduzida em diferentes contextos como “ruga”, daquelas que brotam em nossos rostos, mas também como “prega”, “vinco”, “dobra”: algo que desponta em uma superfície lisa e que está, portanto, sempre visível – tais como as rugas de um rosto, que se acumulam em cima das feições. A esse substantivo, no entanto, Loy acopla a palavra “hidden” como sua qualificadora: “a hidden wrinkle”, criando assim um paradoxo linguístico (e tradutório) para descrever a si mesma: uma prega oculta, uma ruga escondida.

O poema a seguir, que teve algumas partes escritas mais ou menos durante a mesma época da carta, também gira em torno de pregas e rugas pequenas, mas ainda assim indelévelis; imperceptíveis, mas ainda assim memoráveis.

## Three Moments in Paris

### I. One O’Clock at Night

Though you had never possessed me  
 I had belonged to you since the beginning of time  
 And sleepily I sat on your chair beside you  
 Leaning against your shoulder

And your careless arm across my back            gesticulated  
As your indisputable male voice            roared  
Through my brain and my body  
Arguing dynamic decomposition  
Of which I was understanding nothing  
Sleepily  
And the only less male voice of your brother pugilist of the  
intellect  
Boomed            as it seemed to me            so sleepy  
Across an interval of a thousand miles  
An interim of a thousand years  
But you who make more noise than any man in the world when  
you clear your throat  
Deafening            woke me  
And I caught the thread of the argument  
Immediately assuming my personal mental attitude  
And ceased to be woman

Beautiful half-hour of being a mere woman  
The animal woman  
Understanding nothing of man  
But mastery            and the security of imparted physical heat  
Indifferent to cerebral gymnastics  
Or regarding them as the self-indulgent play of children  
Or the thunder of alien gods  
But you woke me up  
Anyhow            who am I that I should criticize your theories of  
plastic velocity

“Let us go home            she is tired            and wants to go to bed.”

## II. Café du Néant

Little tapers leaning            lighted diagonally  
 Stuck in coffin tables of the Café du Néant  
 Leaning to the breath of baited bodies  
 Like young poplars fringing the Loire

Eyes that are full of love  
 And eyes that are full of kohl  
 Projecting light across the fulsome ambiente  
 Trailing the rest of the animal behind them  
 Telling of tales without words  
 And lies of no consequence  
 One way or another

The young lovers hermetically buttoned up in black  
 To black cravat  
 To the blue powder edge dusting the yellow throat  
 What color could have been your bodies  
 When last you put them away

Nostalgic youth  
 Holding your mistress's pricked finger  
 In the indifferent flame of the taper  
 Synthetic symbol of            LIFE  
 In this factitious chamber of            DEATH  
 The woman  
 As usual  
 Is smiling            as bravely  
 As it is given to her to be    brave

While the brandy cherries  
 In winking glasses  
 Are decomposing  
 Harmoniously

With the flesh of spectators  
At a given spot  
There is no one  
Who  
Having the concentric lightning focussed precisely upon her  
Prophetically blossoms in perfect putrefaction  
Yet there are cabs outside the door.

### **III. Magasins du Louvre**

All the virgin eyes in the world are made of glass

Long lines of boxes  
Of dolls  
Propped against banisters  
Walls and pillars  
Huddled on shelves  
And composite babies with arms extended  
Hang from the ceiling  
Beckoning  
Smiling  
In a profound silence  
Which the shop walker left trailing behind him  
When he ambled to the further end of the gallery  
To annoy the shop-girl

All the virgin eyes in the world are made of glass  
They alone have the effrontery to  
Stare through the human soul  
Seeing nothing  
Between parted fringes

One cocotte wears a bowler hat and a sham camellia  
And one an iridescent boa

For there are two of them  
 Passing  
 And the solicitous mouth of one is straight  
 The other curved to a static smile  
 They see the dolls  
 And for a moment their eyes relax  
 To a flicker of elements unconditionally primeval  
 And now averted  
 Seek each other's surreptitiously  
 To know if the other has seen  
 While mine are inextricably entangled with the pattern of the  
 carpet  
 As eyes are apt to be  
 In their shame  
 Having surprised a gesture that is ultimately intimate  
  
 All the virgin eyes in the world are made of glass.

## Três momentos em Paris

### I. Uma hora da manhã

Ainda que você nunca tivesse me possuído  
 Eu pertencia a você desde o início dos tempos  
 E me sentava sonolenta na cadeira ao seu lado  
 Encostada em seu ombro  
 E seu braço indolente nas minhas costas      gesticulava  
 Enquanto a sua inquestionável voz máscula      rugia  
 Por meu cérebro e meu corpo  
 Discutindo a decomposição dinâmica  
 Um tema sobre o qual eu nada entendia  
 Sonolenta  
 E a voz menos máscula do seu irmão pugilista do  
 intelecto  
 Estrondosa      era como me parecia      tão sonolenta  
 Ao longo de um intervalo de mil milhas

Um íterim de mil anos  
Mas você que faz mais barulho do que qualquer outro homem quando  
dá um pigarro  
Ensurdecedor me acorda  
E consigo captar o fio da meada  
Assumindo imediatamente minha atitude mental pessoal  
E deixo de ser mulher

Linda meia hora sendo uma mulher apenas  
A mulher animal  
Que não compreende em nada o homem  
A não ser autoridade e a segurança da atração física concedida  
Indiferente à ginástica cerebral  
Ou que observa tudo como brincadeira de crianças mimadas  
Ou o trovão de deuses hostis  
Mas você me acorda  
Enfim quem sou eu para criticar suas teorias de  
velocidade plástica

“Vamos embora ela está cansada e quer ir dormir.”

## II. Café du Néant

Pequenas velas que se envergam      acesas diagonalmente  
Fixadas nas mesinhas do Café du Néant  
Se envergam por conta do fôlego de corpos ataçados  
Como os jovens álamos na margem do Loire

Olhos cheios de amor  
E olhos cheios de kajal  
Projetam luz no ambiente bajulador  
Arrastam o que resta do animal atrás de si  
Contam histórias sem palavras  
E mentiras sem consequências  
De um jeito ou de outro

Os jovens amantes hermeticamente abotoados em preto  
Do lenço preto no pescoço  
À borda azulada de pó que margeia a garganta amarela  
De que cor será que nossos corpos estariam  
Da última vez que você os guardou

Jovem nostálgico  
Segurando o dedo furado de sua amante  
À luz da chama indiferente da vela  
Símbolo sintético da      VIDA  
Neste calabouço posição da MORTE  
A mulher  
Como sempre  
Sorri tão      corajosamente  
Quanto lhe é permitido ser corajosa

Enquanto as cerejas do conhaque  
Em copos tilintantes  
Se decompõem  
Harmoniosamente

Com a carne dos espectadores  
Em um determinado local  
Não há mulher  
Que  
Ao ter a iluminação concêntrica canalizada com precisão em cima de si  
Floresceria profeticamente em perfeita putrefação  
E no entanto os táxis esperam na calçada.

### **III. Magasins du Louvre**

Todos os olhos virgens do mundo são feitos de vidro

Longas filas de caixas  
De bonecas  
Encostadas em balaústres  
Paredes e pilares  
Apinhadas em prateleiras  
E bebês amontoados com braços esticados  
Dependurados no teto  
Acenam  
Sorriem  
Em um profundo silêncio  
Que o encarregado da loja deixou pendurado atrás de si  
Quando foi se arrastando até o canto da galeria  
Para importunar a vendedora

Todos os olhos virgens do mundo são feitos de vidro  
Apenas eles têm a petulância de  
Encarar a alma humana  
Sem enxergar nada  
Entre cortinas abertas

Uma cocote de chapéu-coco e camélia espúria  
E outra com um boá iridescente  
Pois há duas delas

Passando

A boca solícita de uma está reta

A outra curvada em sorriso estático

Elas veem as bonecas

E por um momento seus olhos relaxam

Retornam ao tremor de elementos incondicionalmente primevos

E já desviados

Um par de olhos busca o outro      clandestinamente

Para saber se eles também viram

Enquanto os meus estão inextricavelmente embolados ao padrão da  
alcatifa

Como é comum que os olhos fiquem

Pela vergonha

De terem flagrado um gesto que é afinal íntimo

Todos os olhos virgens do mundo são feitos de vidro.

## **Inspeccionando os momentos: alguns comentários sobre a tradução**

Os poemas que compõem *Três momentos em Paris* de Mina Loy, publicado pela primeira vez na revista *Rogue* de 1915, não estão unidos por proximidade temporal ou por uma composição unificada – pois, de acordo com Carolyn Burke, *Café du Néant* possivelmente foi escrito alguns anos antes e corrigido para a publicação na *Rogue*. Mas talvez seja mais interessante avaliar esses três textos não como três poemas em separado, mas sim como três cenas – três *momentos* – que compõem um poema maior.<sup>1</sup>

Nessas cenas, a voz lírica se posiciona como observadora e narradora de três cenas distintas, orientando o olhar de seus leitores de forma silenciosa e circular: como alguém que pinta um quadro, essa voz destaca elementos que estão nas bordas e que escorrem pelos cantos das cenas, descrevendo pormenores que talvez passassem despercebidos por olhos apressados, até chegar ao centro de cada

---

1 A quebra dos versos e os espaçamentos entre palavras segue a formatação tal como na edição *The Lost Lunar Baedeker*, editada por Roger C. Conover.

quadro: a mulher adormecida do primeiro momento; a jovem amante e a mulher hipotética do segundo momento; e as cocotes vigiadas por um par de olhos acanhados, no terceiro. Também no primeiro e no terceiro momento essa voz se coloca, explicitamente, em primeira pessoa, protagonizando assim um ponto de partida e um retorno à uma mesma perspectiva.

Nesse sentido, mais do que uma cartógrafa que traçou poemas responsáveis por mapear a “psique da mulher moderna” (Burke, 1996, p. 9), Loy é sobretudo uma artista que, posicionada na interseção dos movimentos da vanguarda artística do início do século XX, começa a exercitar uma escrita poética na qual o “ponto de vista (. . .) pode ser deslocado, a estrutura da linha ou da frase, desatada, e a pontuação, descartada, para que as palavras possam estar uma ao lado da outra” (Burke, 1987, 107).<sup>2</sup> É esse o tipo de exercício que se vê em *Três momentos em Paris*, que exemplifica também muitos dos recursos linguísticos que Loy emprega em sua escrita poética: a presença constante de artigos definidos, a falta de pontuação e a dilatação do verso livre por meio do uso de palavras longas, de origem latina, que contribui para aquilo que Gutken chama de uma “dureza consonantal” (2011). Tal dureza é visível, por exemplo, em “Prophetically blossoms in perfect putrefaction”, que se presta ao áspero “Floresceria profeticamente em perfeita putrefação”.

É digno de nota ainda o tipo de choque que a escrita de Loy corporifica, uma vez que se vale de um impulso futurista para construir sua linguagem e, ainda assim, satirizar o próprio movimento italiano que ganhou propulsão internacional na década de 1910. A primeira cena do poema, *One O’Clock at Night* – aqui traduzido como “Uma hora da manhã” para preservar a ideia de uma expressão fixa de horário e evitar a conotação de uma noite “qualquer” que se faz presente em “uma hora da noite” – emprega uma “dicção irônica” (Burke, 1996, p. 200) para abordar o movimento futurista, contrastando a conversa dos homens à posição imóvel e silenciosa da mulher. Tal distinção se fazia notoriamente consolidada nos anais do movimento artístico, que efetivamente descartou a participação das mulheres. A cena também faz uma alusão ao quadro “Dynamic Decomposition”, pintado em 1913 pelo futurista Umberto Boccioni, e ao próprio manifesto futurista de Marinetti, que fora publicado no jornal francês *Le Figaro*<sup>3</sup> em 1909. As “teorias

---

2 No inglês: “point of view . . . could be displaced, the structure of the line or sentence loosened, and punctuation discarded so that words might lie side by side”

3 Há uma tradução recente do manifesto no blog da editora Ubu: <https://blog.ubueditora.com.br/manifesto-futurista/>

de velocidade plástica’ também parecem ser uma alusão ao manifesto futurista e possivelmente às ideias de “dinamismo plástico” de Boccioni.

\* \* \*

Enquanto “Uma hora da manhã” se preocupa em pintar uma sátira do futurismo, “Café du Néant” se coloca como uma cena simbolista da Paris na virada do século (Burke, 1996, p. 177). Partindo daquilo que parece um detalhe – as velas que envergam por conta do fôlego apressado dos amantes, posicionadas em cima de “coffin tables” (um possível jogo de palavras com “coffee table”), os versos passeiam pelos olhos cheios de amor e cheios de kaja para chegar aos amantes abotoados em preto, construindo um jogo de cores apagadas. Ali a tradução empregou palavras menos específicas, como “lenço” para “cravat”, já que “gravata” traria uma ideia da gravata moderna, e não do tipo de lenço que era usado como gravata nos anos 1900. Do mesmo modo, a “blue powder edge dusting the yellow throat” foi transmutada em uma “borda azulada de pó que margeia a garganta amarela” – para passar a imagem de um colarinho preto excessivamente empoadado e, por isso mesmo, um pouco azulado. O momento retratado em “Café du Néant” parece também ser um retrato da morte, da decomposição que lentamente vai corroendo o café, os amantes e os espectadores – das roupas pretas até o azul que parece transportar-se para a pele possivelmente decomposta, das coffin tables até a morte mencionada por nome dentro do poema, a cena tensiona dualidades entre amor e morte, vida e amor, vida e morte.

Da cena simbolista e algo estática, o poema migra para a terceira e última cena: “Magasins du Louvre”, e os versos se posicionam como flâneur/flâneuse – não das passagens parisienses de Benjamin, mas sim de um ambiente considerado por esse mesmo filósofo como o espaço que impossibilitaria o ato de flânar: as grandes lojas de departamento, ambientes fechados, privativos e historicamente considerados um dos primeiros locais em que as mulheres de classe média e alta poderiam passear desacompanhadas.<sup>4</sup> Observando as bonecas, que pipocam das caixas, o encarregado da loja que vai importunar a vendedora e as duas mulheres que desfrutam de um momento íntimo escondido entre o movimento das ruas, o poema reitera repetidamente sua afirmação sobre os olhos virgens do mundo. Feitos

---

4 Vale destacar, aliás, que Paris contava com a Les Grands Magasins du Louvre: uma imensa loja de departamentos francesa inaugurada em 1855.

de vidro, esses olhos parecem corporificar as manequins e as vitrines que habitam as *magasins* do título, conferindo proximidade e ao mesmo tempo distância; vida, e ao mesmo tempo imobilidade.

Unidas como três momentos parisienses, as cenas de Loy atestam para aquilo que Galvão (2020, p. 29-30) identificou como a “vivência linguística” da escrita poética de Loy: o fazer do poema não como “mensagem codificada”, mas como espaço de criação que se vale à tradução e que simultaneamente desordena o processo de tradução. Assim como a *wrinkle* que ocupa a epígrafe deste comentário, as palavras de Loy escondem leituras múltiplas.

## Referências bibliográficas

BURKE, Carolyn. Getting Spliced: Modernism and Sexual Difference. *American Quarterly*, vol. 39, n 1. 1987, p. 98-121.

BURKE, Carolyn. *Becoming Modern: The Life of Mina Loy*. New York: Picador, 1996.

GALVÃO, Maíra Mendes. *Tradução enquanto prática teórica (e um ensaio tradutório do poema Songs to Joannes, de Mina Loy)*. 2020. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GUTKIN, Len. Madame Futurist. *The Brooklyn Rail*. September 2011. Disponível em: <https://brooklynrail.org/2011/09/> Acesso: 27 abr. 2022.

LOY, Mina. *The Lost Lunar Baedeker*. Selected and edited by Roger L. Conover. New York: The Noonday Press, 1996.